

## Apresentação

### História e etnologia: diálogos interdisciplinares

Ao longo das últimas décadas é possível constatar instigantes aproximações de reflexão teórico-metodológica entre historiadores e antropólogos, dentre as quais o emprego de conceitos e noções de natureza antropológica em pesquisas historiográficas e aos aportes de caráter diacrônico que deveriam informar antropólogos em seu trabalho de campo com os chamados “nativos”. Nesses tipos de abordagem, os diálogos interdisciplinares teóricos e metodológicos servem para alimentar a constituição do conhecimento sobre sujeitos localizados em outras épocas e/ ou em outros lugares, cujos resultados tornam cada vez mais ricas e férteis ambas as áreas de conhecimento, na medida em que historiadores e antropólogos disponham de forma correta tais ferramentas analíticas. Tais aproximações, contudo, não são novas, tendo em vista, por exemplo, dois textos de autoria do etnólogo francês, de origem belga, Claude Lévi-Strauss.

Apesar de apresentarem o mesmo título – “História e Etnologia” –, os textos foram redigidos em distintos momentos da carreira do pai do Estruturalismo e não guardam relações intrínsecas entre si. O primeiro “História e Etnologia”, o mais conhecido dos dois, é parte da coletânea *Antropologia Estrutural* e foi publicado pela primeira vez sob a forma de artigo no final dos anos 1940. O segundo, resultado de uma palestra apresentada na Sorbonne em 1983, por ocasião de uma homenagem a Marc Bloch, foi publicado no início dos anos 1980 na revista dos *Annales*. Embora não sejam estas as intenções de Lévi-Strauss, muito mais interessado em um exercício de alteridade e de delimitação disciplinar, o fato é que rígidas dicotomias foram cristalizando-se ao longo do tempo no que diz respeito aos domínios da História e da Antropologia.

Em que medida a História continua como o campo por excelência da diacronia e do tempo, enquanto à Antropologia é reservado o lócus da sincronia e da estrutura? É válido ainda pensar que aos historiadores cabem somente os arquivos, enquanto aos antropólogos (etnólogos, como diria Lévi-Strauss) é reservado o trabalho de campo? Quais inovações teórico-metodológicas os diálogos entre historiadores e antropólogos podem engendrar? Qual o papel que historiadores como Carlo Ginzburg ou antro-

pólogos como Marshall Sahlins têm nas aproximações e distanciamentos entre História e Antropologia? A proposta do dossiê é, portanto, oferecer um panorama dos encontros/ desencontros de duas áreas do conhecimento que ainda têm muito a dialogar uma com a outra.

Livros, coletâneas, artigos científicos, monografias, dissertações e teses têm aparecido nos cenários acadêmicos nacional e internacional trazendo importantes contribuições para ambas as áreas do conhecimento no sentido mais amplo. Para tanto, conclamamos autores da Antropologia e da História a submeterem seus manuscritos ao dossiê.

A proposta deste dossiê foi a de reunir artigos em que sejam apresentadas conexões entre a História e a Antropologia, referindo-se a um mesmo objeto/ sujeito de investigação. Foram aprovados quatro artigos que, de alguma maneira, promovem o diálogo transdisciplinar, seja conceitual ou metodológico.

O artigo de Guilherme Galhegos Felipe apresenta a correlação existente entre as narrativas mitológicas indígenas e as práticas rituais realizadas no cotidiano dos grupos do Chaco. O autor utiliza fragmentos de mitos coletados por missionários do século XVIII, bem como narrativas mitológicas de grupos chaquenhos contemporâneos. O autor demonstra que o mito pode ser de interesse analítico e uma das fontes para o pesquisador compreender a complexidade das relações interétnicas. Outro mérito de utilizar o mito como fonte de análise é permitir que distintas vozes sejam incluídas nas narrativas historiográficas, uma vez que, partindo da proposição de Lévi-Strauss, o conhecimento indígena é de boa ordem, embora operada com outros caminhos intelectuais. A inclusão do mito na análise do contexto colonial pode suscitar novas questões e contribuir para a compreensão do ponto de vista dos indígenas.

No artigo *Cultura em movimento: Natalie Davis entre a antropologia e a história social*, Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Julia O'Donnell analisam a obra de Natalie Zemon Davis, historiadora canadense e representante da História cultural. Essa autora dialoga com a Antropologia ao longo de sua trajetória, por meio do conceito de cultura, de análises que dão atenção a pessoas e grupos sociais marginalizados e pobres e às mulheres. O objetivo do artigo é refletir essas relações com a Antropologia, bem como mostrar como isso se processa ao longo do tempo na obra de Davis. Pereira e O'Donnell demonstram que Natalie Davis, ao aderir à perspectiva

---

antropológica, elegeu a metodologia de análise mais microscópica, o que permitiu que a autora revelasse mundos não contemplados pelas grandes narrativas históricas, bem como segmentos sociais não contemplados por elas.

Lára Quelho de Castro e Vera Lúcia Ferreira Vargas procuram mostrar que novas ou renovadas concepções no campo da Antropologia permitem abordagens diferenciadas dos povos indígenas, que incluem suas percepções e adotam uma perspectiva histórica, possibilitando uma recomposição de suas experiências que escapa da história construída sob um único ponto de vista. O “desaparecimento” do grupo indígena Kinikinau, em Mato Grosso do Sul, constituiu-se como um produto histórico e teórico que se esfacelou frente à sua presença na sociedade brasileira e que invalidou todos os prognósticos pessimistas quanto à sua permanência. Trata-se, especificamente, de se apontar os recursos teórico-metodológicos que permitem conferir visibilidade a povos considerados desaparecidos, a partir da experiência da escrita da história dos Kinikinau, que exigiu um diálogo entre distintos campos dos saberes.

Finalmente, Cristiane de Assis Portela e Mônica Celeida Rabelo Nogueira propõem uma análise do indigenismo a partir de narrativas de autoria indígena que sinalizam novas epistemologias. Para tanto, investigam trabalhos produzidos a partir da inserção destes sujeitos coletivos nas universidades. O artigo apresentado foi produzido por meio da interlocução entre uma historiadora e uma antropóloga, rememorando a experiência compartilhada pelas autoras na orientação de trabalhos produzidos por estudantes indígenas em um curso de mestrado na Universidade de Brasília. Assim, a compreensão do

indigenismo é realizada a partir de uma noção de autoria indígena que sinaliza novas epistemologias na contemporaneidade. Consideram, ainda, que a produção acadêmica de pesquisadores indígenas ainda não foi devidamente visibilizada ou analisada em suas particularidades, procurando explorar aspectos que reiteram a pertinência de reconhecer a autoria indígena como parte da ação política desses sujeitos no campo do indigenismo.

Os artigos reunidos para o dossiê, em suas particularidades, trazem uma contribuição para a multifacetada relação entre História e Antropologia. Com vigor, demonstram que a perspectiva antropológica influencia historiadores e vice e versa. Não por coincidência, dos quatro artigos selecionados, três estão voltados à temática indígena, o que certamente demanda um diálogo transdisciplinar para que questões cruciais sejam mais bem compreendidas, tais como o poder colonial, as novas experiências de alunos indígenas nas universidades brasileiras e a ameaça de extinção de povos. O quarto artigo, que trata da trajetória de uma historiadora canadense que trabalhou em universidades estadunidenses, demonstra que a Antropologia pode contribuir enormemente para a constituição dos objetos da História.

Desejamos a todos boas leituras e instigantes reflexões sobre História e Etnologia!

Joana A. Fernandes Silva  
(*Universidade Federal de Goiás*)

Giovani José da Silva  
(*Universidade Federal do Amapá*)